



Sertão do Cariri: confrontando sua visão hegemônica às territorialidades sertanejas em Nova Olinda, CE

Andréia Duavy
PPGDT - UFRRJ

Denise de Alcantara
PPGDT - UFRRJ

Sessão Temática 11: Novas interpretações possíveis para a questão urbana e regional.

Resumo. Este artigo aborda a constituição da territorialidade sertaneja, tendo como recorte espacial o município de Nova Olinda, região do Cariri, no Ceará. Parte-se do pressuposto, com inspiração em Milton Santos e Rogério Haesbaert, de que o território é formado pelas relações indissociáveis estabelecidas entre humano e natureza. Ao atribuir-lhe significado, forma-se uma territorialidade, constitui-se um modo de vida e operam-se aspectos identitários e simbólicos. Em se tratando de sertão, esses aspectos estão ligados à imagética do flagelo e seca. Busca-se demonstrar que há outras concepções sobre o modo de vida sertanejo. O objetivo é, ao incorporar as subjetividades identificadas e, a coexistência entre as riquezas culturais e o desenvolvimento regional; possibilitar a formulação de políticas públicas condizentes; decolonizando a forma de atuar sobre os lugares. A metodologia inclui aprofundamento de conceitos sobre territórios, territorialidades, construções e narrativas simbólicas dos lugares; coleta de dados demográficos, contextualização, processo de evolução e inserção regional; análise espacial e tipo-morfológica; oficina de cartografia social; e entrevistas com habitantes. Conclui-se que para além do sertão veiculado como espaço geográfico hostil, há outros sertões diversos: o sertão vivido e experienciado, lugar de afeto, de relação com o divino e de cenário da vida de quem o habita.

Palavras-chave: Territorialidades, desenvolvimento social, Sertão, Cariri.

Cariri Hinterland: confronting its hegemonic view in face to the hinterland territorialities in Nova Olinda, CE

Formatado: Inglês (Americano)

Abstract. This article addresses the formation of the territoriality of Sertão (northeast semi-arid hinterland), having as a spatial cut the municipality of Nova Olinda, region of Cariri, Ceará. It assumes, inspired by Milton Santos and Rogério Haesbaert, that the territory is formed by the inseparable relations established between human and nature. By attributing meaning to it, a territoriality is formed, a way of life is constituted and identity and symbolic aspects are operated. When it comes to the sertão, these aspects are linked to the imagery of the scourge and drought. It seeks to demonstrate that there are other conceptions about the sertanejo way of life. The objective is, by incorporating the identified subjectivities and the coexistence between cultural riches and regional development; enable the formulation of consistent public policies; decolonizing the way of acting on places. The methodology includes deepening concepts about territories, territorialities, and symbolic meanings and narratives of places; collection of demographic data, contextualization, process of evolution and regional insertion; spatial and type-morphological analysis; social cartography workshop; and interviews with residents. The conclusion is that in addition to the hinterland conveyed as a hostile geographic space, there are other diverse hinterlands: the lived and experienced hinterland, a place of affection, of relationship with the divine and of life scenario of those who inhabit it.

Keywords: Territorialities, social development, hinterland, Cariri.

Formatado: Inglês (Americano)

Sertão do Cariri: confrontando su visión hegemónica a las territorialidades sertanejas en Nova Olinda, CE

Resumen. Este artículo trata de la constitución de la territorialidad sertaneja, teniendo como corte espacial el municipio de Nova Olinda, región de Cariri, Ceará. Se parte del supuesto, inspirados en Milton Santos y Rogério Haesbaert, de que el territorio está formado por las relaciones inseparables que se establecen entre el ser humano y la naturaleza. Al atribuirle sentido, se forma una territorialidad, se constituye un modo de vida y se operan aspectos identitarios y simbólicos. Cuando se trata del sertão, estos aspectos están vinculados a la imaginería del flagelo y la sequía. Se busca demostrar que existen otras concepciones sobre el modo de vida sertanejo. El objetivo es, mediante la incorporación de las subjetividades identificadas y la convivencia entre la riqueza cultural y el desarrollo regional; posibilitar la formulación de políticas públicas coherentes; descolonizar la forma de actuar sobre los lugares. La metodología incluye profundizar conceptos sobre territorios, territorialidades, construcciones y narrativas simbólicas de los lugares; recolección de datos demográficos, contextualización, proceso de evolución e inserción regional; análisis espacial y tipo-morfológico; taller de cartografía social; y entrevistas con los residentes. Se concluye que además del hinterland transmitido como espacio geográfico hostil, existen otros hinterland diversos: el hinterland vivido y experimentado, lugar de afecto, de relación con lo divino y de escenario de vida de quienes lo habitan.

Palabras clave: Territorialidades, desarrollo social, semiárido nordestino, Cariri.

1. Introdução

Este artigo apresenta uma análise crítica sobre a constituição da territorialidade sertaneja, tendo como foco de investigação as relações de apropriação e significado estabelecidas entre as pessoas – o sertanejo propriamente dito – e a natureza – a paisagem hostil da caatinga. O polissêmico conceito *sertão* não configura uma espacialidade única, nem abarca uma designação objetiva singular. Ao contrário, nosso principal objetivo é fazer emergir pluralidades e subjetividades contra-hegemônicas e decoloniais relacionadas ao termo e refletir sobre como esses aspectos plurais são desconectados das políticas públicas.

Este estudo é parte de investigação maior desenvolvida em nível de mestrado que se debruça sobre o olhar decolonial e a valorização das riquezas e especificidades do chamado Sertão do Cariri e seu desenvolvimento urbano e regional, buscando desconstruir o estereótipo consolidado de *sertão*.

Para a construção desta pesquisa optou-se pelo método qualitativo de enfoque crítico-participativo com visão histórico-estrutural, isto é, partindo “da necessidade de conhecer (através de percepções, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos” (TRIVIÑOS, 1987, p. 117). Consistindo em três etapas: revisão bibliográfica, contextualização do lugar e pesquisa de campo, incluindo aplicação de entrevistas e oficina participativa.

Definiu-se como recorte espacial para esta análise, o município de Nova Olinda (Figura 1), localizado na microrregião do Cariri, no Sul do Estado do Ceará, por apresentar características consoantes com as definições hegemônicas atribuídas ao lugar sertanejo: distância do litoral, vegetação predominante de caatinga, clima seco com longos períodos de estiagem e histórico ligado às atividades agropecuárias.

Sobre a formação do território sertanejo cearense, Jucá Neto (2012) afirma que seu desenvolvimento se deu por meio da pecuária extensiva; com a instalação de pontos de parada e apoio para boiadeiros às margens dos caminhos abertos pelo gado.

A construção da identidade sertaneja perpassa pela leitura de Arraes (2022) para o qual o sertão é diverso e heterogêneo antropológicamente, para além da imagem “caricaturesca” difundida na mídia e na literatura. Entrecruzam-se, a partir daí, as obras de Euclides da Cunha (1984), João

Cabral de Melo Neto (1955) e Raquel de Queiroz (1948) às discussões propostas por Baczko (1985) e Bourdieu (1989) que explicam como os simbolismos reafirmam e legitimam determinado poder nos territórios, a partir de suas hierarquias sociais reconhecidas, no caso desta pesquisa, da suposta superioridade da cidade sobre o sertão.

O território é múltiplo, formado pelas relações indissociáveis estabelecidas entre o ser humano e a natureza no seu processo de ocupação, apropriação e domínio (SANTOS, 1999), isto é pessoa – pessoa / pessoa - natureza. Haesbaert (2014) complementa que essa apropriação é a maneira pela qual um grupo de pessoas dá significado à terra através da forma como a utilizam e a experienciam.

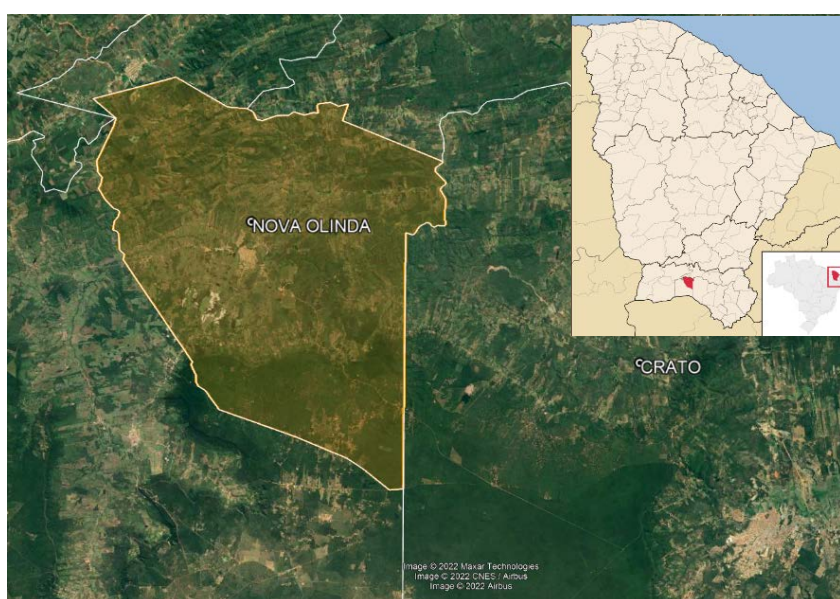


Figura 1 - Nova Olinda. (fonte: Google Earth).

Para Tuan (1983) é exatamente a atribuição de valor a determinado espaço geográfico que o transforma em lugar. Essas relações vão, portanto, imprimindo marcas físicas e culturais sobre o território, formando a paisagem, o seu cenário visível.

Entende-se, assim, que o sertão engloba características geográficas, constituintes de paisagem e de identidades. Constrói-se sobre ele uma representação simbólica amplamente difundida na literatura clássica brasileira: monótono, imutável, infinito, lugar da seca e do flagelo; sobretudo a partir de Euclides da Cunha, que vinculou essa ideia ao semiárido nordestino (ANTÔNIO FILHO, 2011).

A pesquisa que originou este artigo é norteada pelas seguintes questões: quais elementos compõem a produção da territorialidade sertaneja na região do Cariri? Qual a relação entre esses aspectos e a construção simbólica do sertão? E ainda, as narrativas de vida dos habitantes sertanejos se entrelaçam ou se contrapõem à essa imagética produzida?

Para responder a essas questões, a pesquisa consistiu em aprofundamento conceitual sobre territórios e territorialidades; sendo o primeiro, um espaço geográfico ocupado, apropriado e transformado pela técnica humana empregada e o segundo, este espaço imbuído de significado e valor por quem o ocupa; ou seja o modo como os territórios são concebidos, pensados,

apropriados e entendidos pelos grupos sociais que o habitam, a partir das leituras de Santos (1999), para quem o território configura uma acumulação desigual de tempos, e Haesbaert (2014) que estuda os territórios a partir dos seus aspectos jurídicos-políticos, culturais e econômicos. A identificação da imagem veiculada de sertão na literatura, nas artes e na mídia configura relevante fonte da visão hegemônica construída sobre o sertão (Figura 2).



Figura 2 - Quadro os Retirantes (Cândido Portinari, 1944).

A partir do olhar sobre o recorte espacial da cidade de Nova Olinda, complementada com dados socioeconômicos do IBGE e do Instituto de Pesquisas Econômicas do Ceará – IPECE; foram utilizadas ferramentas de geotecnologias livres, levantando aspectos geobiofísicos e ambientais (suporte físico e estrutura hídrica), centralidades e núcleos urbanos.

Os levantamentos e mapeamentos sócio-espaciais se combinam com o emprego de dinâmicas participativas - cartografia social (ACSELRAD, 2010) e mapeamento afetivo. Foram aplicadas entrevistas informais, de tipo aberta e direcionada com moradores mais antigos de Nova Olinda, optando-se pela abordagem qualitativa, ou seja, realizada por um moderador treinado, de forma não estruturada e natural, com um pequeno grupo de respondentes, para captar uma imagem coletiva sobre o objeto de análise (MALHOTRA, 2001). As perguntas foram conduzidas, centrando-se na interpretação e na explicação que o entrevistado tem sobre o seu comportamento e suas vivências (HAGUETTE, 1987), e como um relato sobre a experiência do entrevistado através do tempo, na tentativa de reconstruir temporalmente os acontecimentos (QUEIROZ, 1988).

As entrevistas duraram cerca de 40 minutos; após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes, que foram encorajados a relatarem as suas histórias de vida, sua relação com Nova Olinda, sua compreensão sobre o sertão e o sertanejo e as mudanças estruturais da região do Cariri.

A realização de oficina de cartografia social e mapeamento afetivo com jovens estudantes locais (ALCANTARA, 2020) – teve como objetivo registrar histórias de vida e narrativas identitárias para

o entendimento mais aproximado das territorialidades. Nesse sentido, durante o trabalho de campo, foi feito contato e estabelecida parceria com uma escola local, onde se realizou uma oficina de cartografia social com trinta jovens de 14 e 15 anos¹ em outubro de 2022. O objetivo da oficina foi entender a territorialidade sertaneja a partir do olhar dos jovens, isto é, o modo como é usado, pensado e entendido por eles, e seus aspectos positivos e negativos, além de possíveis formulações de cenários prospectivos (ALCANTARA, 2020).

O artigo está dividido em três partes mais a conclusão. Após a introdução, dedica-se a segunda parte à problematização e justificativa a partir da apresentação da visão homogeneizante atribuída ao lugar sertanejo. Para a discussão teórica e apresentação de resultados, o texto aborda as leituras sobre território e territorialidades apresentando o município de Nova Olinda e contextualizado-o na região do Cariri, com dados geográficos e elementos históricos de sua formação. O texto segue com a construção das representações do lugar sertanejo, entrelaçada às narrativas expressas na mídia falada e escrita com a literatura clássica brasileira. Infere-se que o sertão não é único, uma vez que além da reconhecida paisagem hostil, do clima seco, e dos longos períodos de estiagem, há um outro, vivido, sentido e percebido pelos seus habitantes: lugar de afeto e cenário de vida.

Em síntese, busca-se entender quais os elementos constitutivos da realidade sertaneja na escala local em contraposição a imagética global consolidada e ligada ao crescimento econômico da região, focalizando o caso de Nova Olinda, analisando o seu processo histórico e a forma como os seus habitantes entendem a ideia de sertão das suas paisagens, a partir das próprias narrativas de vida, tomando por base a ideia de que

Conforme o interesse do que é objeto ou uma maneira como se encara, a própria noção de paisagem difere. Se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam. (Chantal & Raison, p.138. 1996).

2. Construções simbólicas e senso comum sobre sertão

Em uma imagética totalizante e hegemônica, construída ao longo das décadas, quiçá séculos, o sertão é reconhecido/tratado/abordado como territorialidade constituída por um modo de vida singular, ligado à agricultura de subsistência, à atividade criatória, ao fenômeno migratório e à sua relação com a natureza hostil, a aridez e a seca recorrente. Apesar de constantemente perpassado por políticas desenvolvimentistas, esse território sertanejo nordestino permanece quase que “imutável”, ainda percebido à margem do modo de vida urbano e capitalista. Andrade (1987, p.14) afirma que a própria ideia de Nordeste “foi construída designando-o na maior parte das vezes de forma pejorativa, como lugar do atraso, do rural e do passado persistente”.

Dai a impressão dolorosa que nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho do sertão – quase um deserto – quer se aperte entre as dobras de serranias nuas ou se estire, monotonamente, em descampados grandes. (CUNHA, p. 11,1984)

Esse simbolismo tem sido amplamente retratado na literatura brasileira, por meio de autores como Euclides da Cunha, Raquel de Queiroz, Eloy de Souza, Jorge Amado, entre outros. Também a produção audiovisual (Figura 3) – cinema, televisão – têm explorado a disseminação da imagem do personagem, quase folclórico, do “retirante nordestino” (FERREIRA et al., 2020) e da paisagem de chão seco e rachado, das carcaças e árvores retorcidas e do sol escaldante.

Sabendo que a região do Cariri, em específico sua região metropolitana, se insere na zona sertaneja do Sul do Ceará, configura segundo polo de desenvolvimento econômico do Estado (IPECE, 2020); e possui características urbanas e rurais (Figura 4) e diversidade cultural e religiosa, cabe, então a esta pesquisa, questionar se e o porquê a territorialidade sertaneja não seria formada por outros elementos, para além da seca, da fome e da miséria, amplamente difundidos e consolidados na imagética nacional.

Considerando a importância das relações trans escalares e temáticas interdisciplinares, torna-se relevante captar e compreender o olhar e as impressões sobre o sentido do ser sertanejo, a partir das vivências próprias de quem habita, como se deu a construção dessa identidade e quais narrativas a permeiam.

Em se tratando do desenvolvimento de um determinado território, Jucá Neto (2012, p. 23) afirma que “é preciso considerar, também, os fenômenos históricos mais afastados dos centros hegemônicos e menos visíveis, para dar conta do conhecimento mais amplo da realidade em sua totalidade” e assim promover políticas públicas mais eficientes.



Figura 3 - Cena do filme Vidas Secas (fonte: Google Imagens).



Figura 4 - Sertão do Cariri e a Chapada do Araripe (Acervo dos Autores)

3. Paisagens e Territorialidades de Nova Olinda no Cariri

A ação do ser humano sobre a natureza é fundamental para conceituação dos termos território, paisagem e territorialidade, uma vez que a técnica empregada e as relações de poder estabelecidas agem sobre o território definindo-o, modificando-o e atribuindo-lhe significados. A ação do ser humano não se limita a si, mas atinge principalmente os outros seres e a terra (SANTOS, 1999).

O território não é, portanto, natural, mas construído por agentes externos que o ocupam, o dominam e dele se apropriam, transformando-o através do emprego de técnicas coletivas. O território imbuído de significado, acumulado pelas ações desses agentes, dessas técnicas e desses simbolismos “é o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica” (SANTOS, 1999, p. 36). Sauer (1998) complementa que essa realidade se modifica de acordo com a sucessão de culturas, alterando a paisagem, em uma derivação da paisagem original, caso a caso, com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação (Figura 5).



Figura 5 - Intervenções humanas na zona rural de Nova Olinda (fonte: acervo dos autores).

Com a globalização, o território não se torna apenas fruto de seus agentes sobre si mesmo, mas das relações de poder e influência que se estabelece com outros territórios: “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1991, p. 273).

É por isso que, conforme Haesbaert (2014), o território deve ser analisado sobre três enfoques: (1) *jurídico-político*, isto é, enquanto apropriação através das relações de poder; (2) *cultural*, espaço de construção de simbólica e de identidade/modos de vida; e (3) *econômico*, fruto dos embates de classe e da relação capital-trabalho.

Priorizamos aqui a análise dos aspectos históricos, geográficos e identitários, espacializados com uso de ferramentas de geotecnologias livres e da leitura de dados demográficos secundários; e culturais, a partir das entrevistas realizadas com alguns dos moradores mais antigos de Nova Olinda; e dos produtos obtidos nas oficinas de cartografia social.

3.1 Nova Olinda no contexto sertanejo

A Região do Cariri está localizada ao Sul do Estado do Ceará, limítrofe com os estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Surgiu da junção dos municípios de Crato, Juazeiro e Barbalha, o conhecido triângulo CRAJUBAR, e atualmente é o segundo polo econômico do Estado (IPECE, 2020).

A 600km das capitais Fortaleza (no Ceará) e Recife (em Pernambuco), o triângulo CRAJUBAR integra a região metropolitana do Cariri – RMC em conjunto com os municípios de Caririáçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Santana do Cariri e Nova Olinda. Esses municípios, no entanto, desempenham um papel político, cultural e econômico secundário para a RMC, possuindo uma relação de dependência à conurbação do triângulo (GURGEL, 2012).

A palavra Cariri é decorrente do povo indígena que habitou a região entre os séculos IX e X, bem como da língua falada por eles, hoje extintos devido ao processo violento de colonização do homem branco (BATISTA, 2020). A ocupação da região do Cariri, nos moldes colonial português, se deu no decorrer dos séculos XVII e XVIII e está diretamente relacionada à pecuária extensiva, uma atividade econômica subsidiária da cana-de-açúcar (ANDRADE, 1987). Para Jucá Neto (2009 p. 87) “as especificidades espaciais do território cearense foram características intrínsecas de seu processo de colonização, que teve como força motriz, a expansão da atividade criatória”.

A vegetação predominante é a caatinga, “caracterizada por ser resistente à falta ou pouca quantidade de água e apresenta uma grande resistência à condição de aridez do solo” (BATISTA, 2020, p. 42); no entanto, a região também conta com resquício de mata atlântica, pela presença da Floresta Nacional do Araripe, que contribui para amenizar o clima na região, e tornar a RMC um polo atrativo para os sertanejos dos arredores que fugiam da seca (BRASIL, 1963/1997).

Dos desbravadores que foram chegando ao Cariri, vindos, ora de Pernambuco, ora da Bahia, do Rio Grande do Norte, Paraíba e até de Sergipe, além dos poucos que vieram da costa cearense, muitos se fixaram na região. Fundaram estabelecimentos agrícolas ou agropecuários nas sesmarias onde se instalaram, dando início aos aglomerados populacionais, (...) que aos poucos se transformaram em cidades que hoje povoam o Cariri. (BATISTA, 2020, p. 49).

As cidades vizinhas foram se consolidando, atendendo às necessidades de comércio com a capital e com os estados contíguos, “sendo esculpida a cada instante pelos seres humanos que fazem a região, modificando-a a cada passo, na busca de melhor acomodar os seus interesses de melhor viverem” (BATISTA, 2020, p. 29). Atualmente, a região do Cariri abarca 33 municípios, sendo nove na RMC, dentre as quais a cidade de Nova Olinda.

Destaca-se, no processo de desenvolvimento do Cariri, o crescimento acelerado de Juazeiro do Norte, centralidade econômica gerada pelo “Milagre da Hóstia”, em 1889, fenômeno sobrenatural em que as eucaristias administradas pelo Padre Cícero se transformavam em sangue. “O evento significou um divisor de águas para o lugarejo que alcançou, em pouco tempo, autonomia política, força econômica e vigorosa condição urbana” (QUEIROZ e CUNHA, 2014, p. 7).

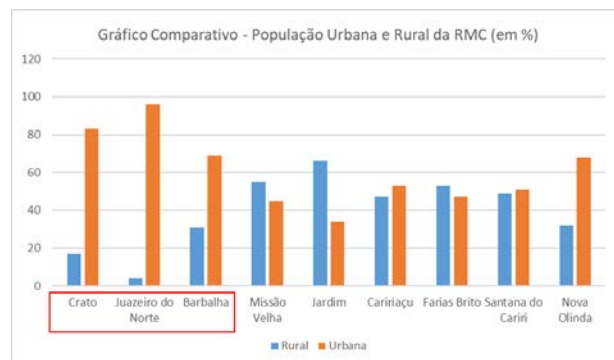


Figura 6 - População Urbana e Rural da RMC. (Elaborado pelos autores a partir de dados do IPECE).

A região metropolitana do Cariri possui a segunda maior conurbação e adensado populacional do Estado do Ceará, abaixo apenas da capital Fortaleza. As cidades da RMC mantêm índice de urbanidade próximo aos 50% (IPECE, 2020), com exceção das cidades do triângulo CRAJUBAR (destacado no gráfico) (Figura 6). Segundo Queiroz e Cunha (2014), houve uma queda nos

contingentes populacionais das cidades circunvizinhas ao triângulo, no início do século XIX, devido ao processo de migração de sertanejos para as cidades de Crato, Juazeiro e Barbalha, ou para as cidades do sudeste brasileiro.

O município de Nova Olinda (Figura 7) é limítrofe ao Crato a leste, e Santana do Cariri a oeste, com acesso pela CE-292; possui estimativa de 15.798 habitantes (IBGE, 2021) com área de 282,584km². Seu IDHM é de 0,625 e PIB per Capita de R\$ 9.353,48 (IBGE, 2019).



Figura 7 - A cidade de Nova Olinda (fonte: Google Earth)

Com um núcleo central onde localizam-se prefeitura, escola, delegacia e Igreja Matriz (Figura 8), a partir daí a cidade se espalha ganhando cada vez mais características rurais. É atravessada sentido Leste/Oeste pela CE-292 (em vermelho na Figura 7), que conecta as cidades de Crato e Santana do Cariri. Faz parte do bioma da caatinga, sendo uma das 65 cidades indutoras de turismo nacional, pelo Ministério do Turismo (FEITOSA et al.; 2009). Sua vocação turística é ligada a Floresta Nacional do Araripe-Apodi, a primeira Flona do Brasil, criada pelo Decreto 9.226/1946; à presença do GeoPark Araripe, área de proteção ambiental e conservação de fósseis cretáceos, cuja missão “é conservar este patrimônio natural de singular beleza e importância científica, educativa e turística” (GEOPARK, s/d); à extração de pedra calcário de nome Cariri e à produção de couro, atividade principal da região desde a sua origem.



Figura 8 - Igreja Matriz de São Sebastião em Nova Olinda (fonte: acervo dos autores)

3.2 A importância da pecuária e do couro em Nova Olinda

Habitadas por indígenas da Aldeia da Água Saída do Mato, à margem do Rio Cariús, com presença ainda da Mata Atlântica, o processo de ocupação pelo homem branco se deu durante o “Ciclo do Couro”, quando seus exploradores instalaram aí “uma tapera, sem parede laterais, servindo apenas para rancho provisório de tropeiros e comboieiros” (BATISTA, 2020, p. 253). Jucá Neto (2012) explica que foi desses ajuntamentos simples, à margem das estradas, por onde se exerciam a pecuária extensiva e o comércio de produtos derivados dessa atividade (couro, carne, leite, etc), que se deu o processo de ocupação, não apenas de Nova Olinda, como das demais vilas e cidades do sertão cearense.

No âmago dos sertões, nos cruzamentos das “estradas das boiadas” ou locais de abate e desembarque da carne surgiram, em consequência, precários ajuntamentos humanos, transformados em frágeis suportes oferecidos à implantação de uma incipiente rede urbana, materializada pela instalação de núcleos em locais onde, por esta ou por aquela conveniência, ficassem atendidos os desígnios da administração lusitana. (JUCÁ NETO, 2012, p.17).

A partir daí, os viajantes começaram a se estabelecer, transformando a área em fazenda com casa-grande (Figura 9), capela e cemitério, ficando conhecido como povoado Tapera. O nome de Nova Olinda surgiu após a vinda de missionários pernambucanos e assim permaneceu até alcançar o posto de distrito de Nova Olinda, da comarca de Santana do Cariri em 4 de dezembro de 1933. Em 14 de abril de 1957 adquiriu sua emancipação.



Figura 9 - A Casa Grande (acervo dos autores).

Como visto, a base da sua economia segue sendo a produção de couro, seja industrial ou artesanalmente e de produtos derivados da agropecuária. O museu do ciclo do couro, ateliê do reconhecido artista da cidade Espedito Seleiro (Figura 10), demonstra a importância cultural e econômica do produto na região. Mais recentemente, a extração de pedra cariri tem se consolidado, bem como o desenvolvimento da atividade de ecoturismo, em função da proximidade com a chapada que abriga a FLONA Araripe. A presença de sítios arqueológicos com espécies que datam de 110 milhões de anos e do rico ecossistema da chapada encontram-se em constante risco com as atividades mineradoras.



Figura 10 - Espedito Seleiro no Museu do Ciclo do Couro de Nova Olinda (fonte: acervo dos autores)

O município é influenciado pelo turismo religioso católico, entrelaçado à cultura popular: “as cidades da região do Cariri cresceram a partir das construções de capelas, que no início eram singelas construções de taipa, foram se modificando, tornando-se cada vez mais capaz de abrigar com dignidade os fiéis” (BATISTA, 2020, p. 52). As romarias feitas à Juazeiro do Norte e ao Crato, bem como a Festa do Pau da Bandeira em Barbalha se destacam dentre os festejos do Estado, e dão à Região do Cariri, o título de terceiro destino turístico religioso do País.



Figura 11 - Altar dedicado à Menina Benigna na Igreja de Santana do Cariri (fonte: acervo dos autores)

Recentemente, em 24 de outubro de 2022, o Vaticano oficializou a beatificação da Menina Benigna (Figura 11), símbolo da Igreja Católica em Santana do Cariri, cidade vizinha à Nova Olinda. A jovem assassinada aos 13 anos, tornou-se a primeira beata cearense e a quarta mártir brasileira. A região do Cariri ganha assim mais um período de romaria e festejo anual, para além do calendário religioso já existente em Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte, consolidando a religiosidade como um traço característico local e potencialidade econômica, através dos serviços estimulados para o evento.

4. Representações e Lugares do Sertanejo: aspectos teóricos e empíricos.

Marc Augé (2012) explica que o conteúdo simbólico construído, embora seja de conhecimento amplo e consolidado, é dominado por poucos e passado adiante como herança cultural e imagética. A partir desse entendimento, pode-se dizer que a visão simbólica dos territórios sertanejos, embora representem características geográficas e socioculturais reais (reconhecidas), foram construídos por narrativas de domínio de outrem.

Na produção da imagética do sertão nordestino, este aparece sempre como algo imutável e monótono, “parece que aqui nada muda...” (VIAJO, 2009); no premiado curta metragem *Vida Maria* (2007) e no filme dirigido por Camilo Cavalcante, *A História da Eternidade* (2014), as histórias vão se repetindo de geração em geração, com poucas as possibilidades reais de mudança.

Na dicotomia da produção do espaço urbano e do espaço rural presume-se que a cidade representa a expressão de um novo sentimento de vida e há superioridade do morador da cidade sobre o do campo (LORDELLO; LACERDA, 2007). Em se tratando do semiárido nordestino essa visão é ainda mais pregnante.

Jucá Neto (2012, p. 158) afirma que “a expressão terra de ninguém se refere à falta de interesse português em relação ao território do semiárido cearense, no segundo século da colonização”. Tal ideia sobre o sertão não se construiu e nem se difundiu sozinha, mas por meio de certa caricaturização de seu personagem mais salutar: o retirante, ou melhor, o migrante nordestino (Figura 12).



Figura 12 - O sertanejo cariense (fonte: Marcelo Alves, 2021)

O símbolo do retirante nordestino permeia a literatura brasileira. Raquel de Queiroz se baseia na própria história (a autora saiu com a sua família do Ceará para o Rio de Janeiro fugindo da seca) para criar a narrativa de *O Quinze*, seu primeiro romance modernista de 1948. *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, de 1955, retrata sob a forma de poesia de cordel a peregrinação de Severinos “iguais em tudo nessa vida”, retirantes que fogem da seca pelo Rio Capibaribe.

Ainda na apresentação dos personagens, o autor já descreve a fragilidade da vida dura no sertão:

Morremos de morte igual;
Mesma morte severina:
Que é a morte de que se morre
De velhice antes dos trinta,
De emboscada antes do vinte,
De fome um pouco por dia.
(Neto, 1955, p. 10).

Em *Seara Vermelha*, Jorge Amado (1946) narra a viagem de uma família sertaneja rumo à São Paulo, depois que as terras onde trabalhavam foram vendidas; relacionando o fenômeno da migração também com condições de trabalho.

As músicas de Luiz Gonzaga, Fausto Nilo e Ednardo demonstram o êxodo nordestino, seja descrevendo a partida do sertanejo no pau de arara; seja falando sobre a saudade de casa, ou sobre o castigo da seca.

Na imprensa, não raro, os jornais (Figura 13) estampavam capas sobre os “flagelados da seca”; “Retirantes: Problema do Nordeste” que chegavam nas cidades, indo para as periferias, em um processo de adensamento do espaço urbano. “Surgia a dualidade sertão versus litoral que mascara a formação territorial brasileira e que engendraria a proliferação de outros polos como selvagem versus civilizado ou rústico versus cidadão” (ARRAES, 2022, p. 50).



Figura 13 - Matéria de Jornal (fonte: O Diário de Natal, 31 de março de 1951).

A problemática da seca no semiárido ecoa nas políticas públicas de Estado desde o Império (FERREIRA et al. 2020), seja pela necessidade de ocupação e colonização das regiões mais interioranas brasileiras, no sentido de estabelecer um *continuum* territorial (JUCÁ NETO, 2012), ou pela necessidade de manutenção das desigualdades regionais (FURTADO, 1981) operando na geração de mão de obra barata para obras públicas em outros lugares do país (FERREIRA et al. 2020).

Por que é tão lento o nosso desenvolvimento social, a despeito do forte processo de acumulação e da relativa mobilidade que caracteriza a nossa sociedade? Porque os fluxos migratórios que se originam nas áreas de atraso relativo operam no sentido de frear ou paralisar, os movimentos sociais reivindicatórios nas regiões em que a produtividade cresce fortemente. (FURTADO, 1981, p. 13)

Autores como Schneider (2010) e Ferreira et al. (2020) vem debatendo como políticas públicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), a transposição do rio São Francisco e o Programa Um Milhão de Cisternas, da Articulação pelo Semiárido (ASA), tem favorecido a manutenção do modo de vida sertanejo, reduzindo a migração e alterando significativamente as paisagens sertanejas nordestinas.

Já na visão de alguns habitantes de Nova Olinda, entrevistados para esta pesquisa, essa imagem é bem distinta. Dois deles afirmaram terem migrado para São Paulo para trabalhar: “Nóis chegamos lá (sic)! Que já tinha certo o lugar que ia pra São Paulo né? Pra casa do governo, tinha um monte de cabra da peste de Nova Olinda, fomos caçar serviço!” (R.C., 72 anos, em entrevista). Outras duas pessoas entrevistadas foram à cidade do Crato, mais próximo, para estudar: “Por que eu fui estudar no Crato? Por que eu estudava aqui na escola e eu não tinha dinheiro pra comprar a farda, lá no Crato uma mulher se prontificou de me levar pra casa dela, me botar numa escola e me dar o que eu precisasse para estudar.” (M.A., 76 anos, entrevistada).

A compreensão atual desses mesmos entrevistados é de que atualmente a necessidade de migrar para outras regiões do país diminuiu, pois, as cidades sertanejas já contam com mais possibilidades de ganho financeiro e equipamentos educacionais.

Já o motivo pelo qual os entrevistados optaram por voltar para o município de Nova Olinda foi unânime: a violência urbana e o ritmo de vida dos grandes centros urbanos.

Lá (São Paulo) é muito bom, mas é perigoso né?! Que lá é bom pra quem é rico, mas pra viver em paz, aqui é melhor. Aqui tem paz. Lá não tem paz, pro cabra pegá um ônibus, sai de um ônibus, vive em ônibus... Não... Quando você trabalha numa firma só, que nem eu trabalhei seis meses na mesma firma, não tem esse problema... Mas pra ficar lá? Assim, pegando ônibus? Eu pensei

que era melhor estar morto. Agora cearense tem um mistério com Deus nosso senhor, que eu fiquei esse tempo lá e nunca ninguém me atacou... (entrevistado de 72 anos)

Ao ser questionada sobre o porquê dessas narrativas de seca e fome atribuídas ao sertão serem tão fortes, M.A (76 anos) respondeu

Essa história, é o seguinte, o sertanejo, ele tem que aprender a conviver com os dois lados. Nem só do bem, nem só do mal. E é aquela coisa, quando você tá aqui no Nordeste, tá no interior... Eu andei muito (...) eu andei muito, cheguei a conhecer outros lugares, como Brasília, Pernambuco, Piauí, uma série de coisas por aí... Você vai enriquecendo né? Vai vendo as diferenças, de uma coisa pra outra... E você tem que se acostumar a viver isso. Então eu acho o seguinte, essa parte da seca é a nossa tristeza, é a nossa tristeza..., Mas em compensação, tem essa outra parte da nossa cultura, que já é a nossa alegria... Então nem fica tudo triste, e nem fica tudo alegria. Fica bom. A gente tem que aprender a conciliar os dois, nem só uma coisa, nem outra... Como a vida! (Entrevistada de 76 anos)

Ou seja, a estiagem, a seca, os modos de vida rurais são aspectos objetivos e comuns da territorialidade sertaneja; representam uma forma de apropriação e domínio sobre o espaço, um jeito humano de ser e estar e lidar com o ambiente que o cerca. Tal afirmação não trata de negar uma realidade ou de transformar o semiárido nordestino em um espaço edílico de bem-aventurança, mas pontuar que a visão homogeneizante estabelecida tampouco representa a forma como o sertão, aqui representado pela cidade de Nova Olinda, é sentido e percebido subjetiva e simbolicamente pelos seus habitantes e de como essa visão totalizante e de superioridade pode ter influenciado em políticas públicas desastrosas, tais como os Campos de concentração de Retirantes no Estado do Ceará, uma triste memória para muitos (Figura 14).



Figura 14 - Campo de Concentração de Retirantes (fonte El Pais)

Os campos de concentração eram espaços (abertos ou não), próximos às estações de trem, onde se acomodavam um sem-número de retirantes com o objetivo de impedi-los de chegar à capital Fortaleza, que à época vivia a Belle Époque (NEVES, 1995), e de redistribuí-los para serviços temporários nas obras públicas de outras regiões do país.

As pessoas, cercadas, comprimiam-se na busca da sobrevivência num precário estado sanitário. A morte rondava o campo de concentração, fazendo suas principais vítimas entre as crianças. Com o passar do tempo (...) o estado sanitário se foi agravando (...). Os cadáveres empilhavam-se à espera de transporte, ao longo da linha de bonde que passava ao lado do campo. (NEVES, 1995, p. 8).

A imagem da capital próspera e rica se preservava, mantendo-se invisibilizada a questão dos retirantes. Essa ideia alinha-se ao argumento de Baczko (1985), uma vez que as ideias e

concepções sobre algo são imaginários sociais e comportam um conjunto de representações normativas e impostas hierarquicamente. Isto é, que ajudam a regular a vida coletiva, presume-se assim o papel alegórico homogeneizante da difusão imagética do flagelo da seca para o desenvolvimento regional brasileiro.

Bourdieu (1989) afirma que o poder simbólico atua sobre os lugares reproduzindo suas hierarquias sociais. A arquitetura, os discursos, as representações, as imagens, os sistemas políticos irão, então, se estruturar também de forma desigual: “o poder simbólico é esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 8).

O autor parece alinhar-se a Baczko ao explicar como essas construções simbólicas relacionam-se à legitimação de poder: “a cultura que une é também a cultura que separa e que legitima as distinções compelindo todas as culturas a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 1989, p. 15).

Para Milton Santos, as desigualdades territoriais compõem esse sistema de ações e objetos do espaço geográfico. Na sociedade globalizada, as relações objetivas e simbólicas presentes na dualidade centro-periferia se reproduz em todas as escalas: países do norte x países do sul; áreas urbanas x áreas rurais; centros x periferias.

Quando num lugar, a essência se transforma em existência, o todo em partes, e, assim, a totalidade se dá de forma específica, nesse lugar a história real chega também com os símbolos. Desse modo, há objetos que já nascem como ideologia e como realidade ao mesmo tempo. É assim que eles se dão como indivíduos e que eles participam da realidade social. [...] É assim que a história se faz. (SANTOS, 1999, p. 82).

Esta oposição entre a modernidade urbana e o atraso sertanejo seriam espaços simbólicos representativos da dicotomia social e política brasileira (NEVES, 2003), ou seja, partes opostas do mesmo todo. Retomando Baczko (1985), os sistemas simbólicos em que se assentam e através do qual se operam os imaginários sociais são construídos a partir das experiências dos agentes sociais, mas também, a partir de seus desejos, aspirações e motivações.

Arraes (2022, p. 24) afirma que é preciso ponderar as “leituras caricaturescas negativas imputadas aos sertões”, a partir de uma perspectiva histórica, uma vez que “a documentação manuscrita, iconográfica e cartográfica apresenta sertões ocultos nos discursos estereotipados”. Para o autor a discussão epistemológica sobre o sertão esbarra na desconsideração de sua heterogeneidade antropológica.

Para os habitantes da cidade de Nova Olinda, autodeclarados sertanejos e orgulhosos, o sertão é um lugar de paz, de festa e de relação com o divino (Figura 15), através de seus folguedos e romarias, percorrendo os sítios de parentes e amigos, compartilhando a fé.

Uma manifestação desse aspecto subjetivo é o costume de se fazer um oratório próximo à porta de entrada nas casas da região do Cariri, como forma de proteção, símbolo de devoção e ponto de encontro de entes que lhe são queridos.

Tá vendo? [O oratório] era pra isso! Pra receber as pessoas! De ano em ano, que é aquela diversão! A gente gosta de rezar terço nas casas! A gente reza um terço, canta, bebe café, e aí vamos embora! Aí nós sai nas casas (sic)! A gente perguntava: “quem é que quer reza?” E rezava. E quem é que não quer reza? Só o diabo que não quer! A gente tem que espantar o mal mesmo, pelo menos com uma reza, nem que seja de seis em seis meses. Aí nós se acerta e pronto. (entrevistado de 72 anos).

Na Oficina de Cartografia Social (Figura 16), realizada em outubro de 2022, observou-se que os elementos fundantes da cidade, também são marcos na paisagem e de memória, observadas por todos os participantes da dinâmica.



Figura 15 - Oratório em casa de entrevistada (acervo dos autores).

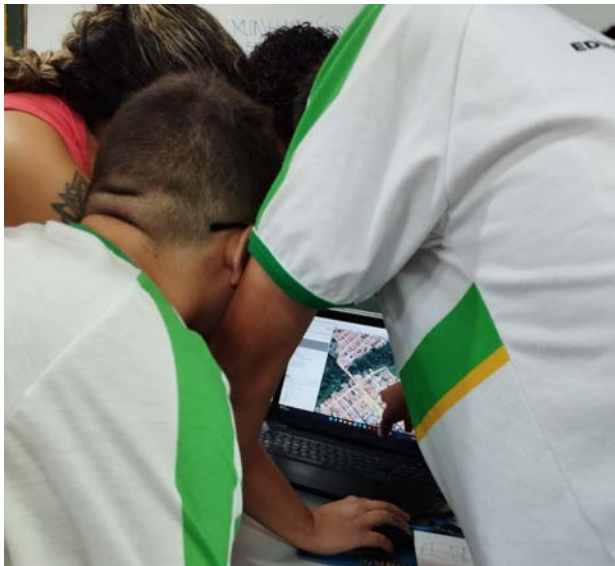


Figura 16 - Oficina de Cartografia Social (fonte: acervo dos autores)

A oficina foi iniciada com uma discussão sobre a história e a localização geográfica de Nova Olinda. Foi solicitado aos jovens que desenhassem seus trajetos entre a casa e a escola, apontando os lugares mais importantes e/ou marcantes no percurso. Ao final, cada estudante apresentou seu desenho (Figura 17) à classe, comparando a percepção de marcos importantes coletivos (Igreja Matriz de São Sebastião e Casa Grande) e individuais (lugares de memórias afetivas - a casa dos pais, o ponto de ônibus para a escola, etc.). Por último, os estudantes que moravam na zona rural, refizeram seus trajetos com o uso do software Google Earth, observando as mudanças ocorridas na paisagem ao longo do tempo. Por exemplo, mesmo aqueles estudantes que efetivamente não passavam pela Casa Grande ou pela Igreja Matriz de São Sebastião em seus percursos de casa – escola, consideraram importante registrá-los em seus mapas mentais.

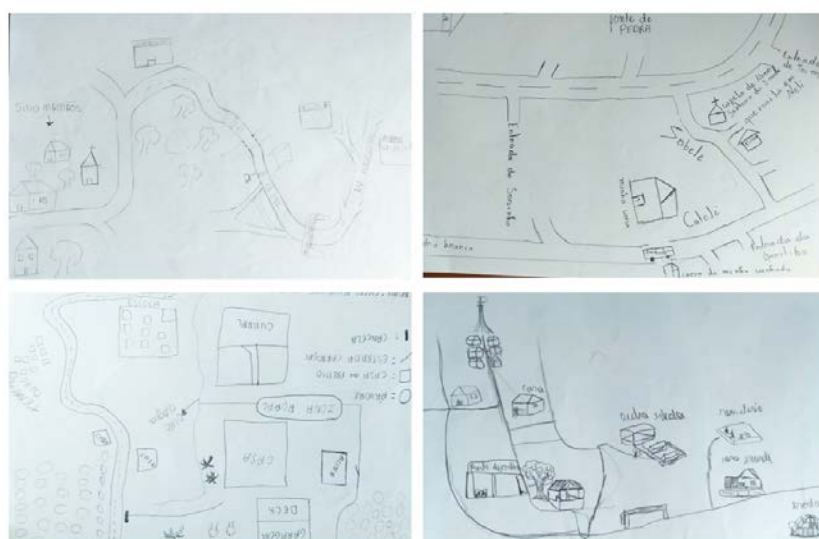


Figura 17 - Desenhos produzidos na Oficina de Cartografia Social (Acervo dos autores)

5. Conclusão

Este artigo refletiu sobre a imagética homogeneizante de sertão, entendido como um espaço semiárido, distante do litoral, com histórico de longos períodos de estiagem e seca, atrelado a uma paisagem hostil e ocupada por “flagelados” caricaturais. Essa imagética, no entanto, não dá conta da totalidade diversa e heterogênea que há para além dessas narrativas.

O território se constitui enquanto fruto das relações estabelecidas entre humano–humano e humano–natureza, em um processo constante de apropriação, emprego de técnicas, experimentação e significação. À medida que um grupo social age sobre o espaço geográfico, intervindo sobre ele, mais valor lhe é atribuído, gerando vínculos de afeto e modos de vida, ou seja, produzindo territorialidades.

Usando o caso de Nova Olinda, a pesquisa pode atestar um lugar rico e afetivo; de seca, mas também de festa; de sofrimento e de fé. Lugar afetivo, simbólico e real, percebido a partir das entrevistas com seus moradores, cujas histórias de vida entrelaçam-se às mudanças percebidas em suas estruturas, através do desenvolvimento urbano; e preservado como um importante aspecto identitário.

Uma identidade que parece encontrar na fé católica seu mais expoente simbólico. O papel da Igreja no processo de ocupação das cidades do interior cearense, seja através da catequese violenta dos indígenas aí anteriormente existentes, seja pela acolhida aos sertanejos fugidos da

seca de outras regiões do Nordeste, transformou o Cariri em uma região de cultura diversa, própria e pulsante; cujas manifestações assumiram caráter popular.

A identidade sertaneja assemelha-se, apenas em parte, às narrativas de flagelo comumente exportadas pela mídia e pela literatura, mas também surpreende pela demonstração da capacidade resiliente humana e de criatividade diante de uma conjuntura desfavorável.

A aproximação com o sertanejo, por meio das entrevistas realizadas, bem como a atividade Oficina Participativa, confirmam a necessidade de políticas e incentivo à permanência em seus territórios, uma vez que o fenômeno climático em si não seria a causa primeira do migrar, mas sim a ausência de condições de sobrevivência diante dele.

Os elementos simbólicos e identitários devem ser analisados e entendidos como relevantes na formulação de políticas públicas locais eficientes, de modo a se permitir um desenvolvimento regional atrelado às necessidades reais e a valorização dos diferentes modos de ser, estar, habitar e perceber o sertão.

Por fim, podemos sugerir, a partir dos estudos realizados, que as representações do lugar sertanejo que atravessaram o Brasil colonial até os dias de hoje, atestam um território, uma paisagem e um espaço geográfico experienciado pelos seus habitantes e viajantes; tomado rentável pelas políticas públicas e eternizado pela música e literatura.

Porém “o semiárido não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É um processo social...” (MALVEZZI, 2007, p. 9). Indo além, Esdras Arraes (2022, p. 64) sintetiza “os sertões são paisagem-movimento” e seguem em constante mutação, ao contrário das supostas permanências e imutabilidades cantadas em prosa e verso e veiculadas em várias mídias.

6. Referências

ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

ALCANTARA, Denise. Estratégias e processos participativos para o desenvolvimento local e regional na baixada de Sepetiba - RJ. In: *Cadernos Metrópole*. São Paulo, 2020. P.147-172.

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. São Paulo: Companhia das Letras, [1946], 2009.

ANDRADE, Manuel. **A Terra e o Homem no Nordeste: Contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste**. São Paulo: Atlas, [1986] 1987.

ANTONIO FILHO, Fadel. “Sobre a palavra sertão: Origens, significados e usos no Brasil”. **Ciência Geográfica**. Bauru, Vol. XV, XV, pp. 84-87.

ARRAES, Esdras. **Sertões: Habitar a simplicidade, reconhecer a poíesis do lugar**. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2022.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2012.

BACZKO, Bronislaw. **A Imaginação Social**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

BATISTA, Célio. **Breve História dos municípios do Cariri Cearense: fatos e dados**. Fortaleza: INESP, 2020.

BONATO, Tiago. “O Sertão, Os Sertões: A construção da região Nordeste do Brasil a partir da interface entre história e literatura”. **História: Debates e Tendências**. Passo Fundo: UFP, Vol. 8, N. 1, pp. 195-214, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

- BRASIL, Thomaz. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- CAZELLA, Ademir; BONNAL, Philippe; MALUF, Renato. Olhares disciplinares sobre território e desenvolvimento territorial. In: *Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. pp. 25-46.
- CENSOS DEMOGRÁFICOS. **Demografia e Índices Socioeconômicos**. IBGE.
- CHANTAL, Blanc-Pamard; RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996. pp. 138-159
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.
- FEITOSA, Tereza; FRANCA, Manuel; "Agrofloresta e Turismo Rural em Nova Olinda-CE". **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral: RCGS, Vol. 11, n. 1; pp. 11, 2009.
- FERREIRA, José; PAIVA, Anna; MÉLO; Anastácia. "Representações dos retirantes das secas no Semiárido Nordeste". **Sociedade e Ambiente no Semiárido: controvérsias e abordagens**. Curitiba: UFPR, Vol. 55, pp. 9-214, 2020.
- FURTADO, Celso. **A fantasia desfeita**: obra autobiográfica de Celso Furtado. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GEOPARK. Disponível em http://geoparkararipe.urca.br/?page_id=3123.
- GURGEL, Ana. "Entre serras e sertões nasce uma região metropolitana: O CRAJUBAR-Ceará sob o ponto de vista de suas centralidades". **Desenvolvimento Regional em Debate**. Canoinhas: Universidade do Contestado, Vol. 2, pp. 182-204, 2012.
- HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite**: Território e multi/transteritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HAGUETTE, Teresa. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JUCÁ NETO, Clóvis. **Primórdios da Urbanização do Ceará**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2012.
- LORDELLO, Eliane; LACERDA, Norma. "A memória das cidades e a Diversidade cultural nas temporalidades ciber culturais". **Vitruvius**. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.083/254>. Acesso em 18 de maio de 2022.
- MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MALVEZZI, Roberto. **Semiárido: Uma visão holística**. Brasília: Pensar Brasil, 2007.
- MELO NETO, João Cabral. **Morte e Vida Severina**. Rio de Janeiro: Objetiva, [1955], 2010.
- NEVES, Frederico. "Curral dos Bárbaros: Os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)". **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, Vol. 15, N. 29, pp. 93-122, 1995.
- QUEIROZ, Ivan; CUNHA, Maria. "Os Atributos Socioterritoriais e Históricos do CRAJUBAR e a Formação do Aglomerado Urbano-Regional do Cariri Cearense". **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Recife: UFPE, Vol. 31, N. 3, pp. 147-169, 2014.
- QUEIROZ, Maria. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: [SIMSON]. *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértica, 1988. pp. 14-43.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 1999.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- SAUER, Carl. A Morfologia da Paisagem. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SCHNEIDER, Sérgio. Situando o Desenvolvimento Rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. In: *Revista de Economia Política*. São Paulo, 2010, v. 30, n. 3(119), pp 511-531.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

¹ A metodologia participativa consta no Projeto em aprovação pelo Comitê de Ética e está cadastrado na Plataforma Brasil sob o no. 644566.8.0000.5624